

Commodities agrícolas - 1

Novas altas em 2011

APESAR DE apresentar dois comportamentos diferentes ao longo do ano, as negociações com as *commodities* agropecuárias atingiram valores inéditos em 2010 no Brasil. Fazem parte desse conjunto açúcar, algodão, café e boi. Nos primeiros seis meses do ano, as cotações internacionais ficaram em patamares superiores aos da média histórica, embora, no mercado interno, o milho, a soja e o boi estivessem relativamente estabilizados. A arrancada aconteceu para valer no segundo semestre.

Os grandes investidores e operadores ficaram satisfeitos com os lucros apurados nas *commodities* agrícolas, que terminaram 2001 com elevação de preços acima de 90% no algodão, 50% no café e milho, 45% no trigo e 35% na soja nas bolsas mundiais. Este movimento quebra um longo ciclo de baixa nos preços que vem desde os anos oitenta.

Diversos elementos podem ser apontados como causadores da conjuntura altista. Dentre os principais deles, sem dúvida, destacam-se as estiagens no Leste Europeu, que castigaram a triticultura na metade do ano. Como o consumo prevaleceu aquecido, mesmo com as boas safras nos Estados Unidos e na América do Sul, o desequilíbrio no balanço de oferta e demanda do trigo puxou a soja e o milho. Paralelamente, os fundos de investimentos passaram a operar com mais força. Quando isso ocorreu, muitos produtores brasileiros já haviam comercializado as suas colheitas, porém, no câmpo geral, os seus resultados ficaram acima dos apurados em 2009.

Assim, os agentes de mercado começaram 2011 com uma boa dose de otimismo. O fenômeno *La Niña* traz incertezas para a produção da América do Sul, tendo a Argentina já reajustado para menos a sua produção prevista inicialmente. Por sua vez, a China prossegue na sua postura de robusta com-

pradora de soja, enquanto um terço da produção norte-americana de milho vai para a fabricação de etanol. Sem os sinais de crise, como aqueles verificados em 2008 e não totalmente superados em 2009, o mercado tende a atrair investidores e especuladores, com aquecimento natural nos negócios.

A sensação de cotações aquecidas nas *commodities* agrícolas deixa os

agricultores brasileiros alvoroçados. É a melhor perspectiva desde o plantio da safra 2003/04. Como a agricultura é muito sensível e dá pronta resposta diante do aceno de preços remuneradores, o ciclo de alta pode esfriar no segundo semestre. O grande termômetro será o comportamento da próxima safra americana. ■

Alerta da FAO e inflação

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação chama a atenção das lideranças mundiais a respeito dos altos níveis de preços registrados pelos alimentos no âmbito mundial. A agroinflação é apontada como fenômeno global e perigosa fonte de instabilidade. Não se descartam crises sociais similares às ocorridas em 2008 com a *tortilla* no México e a *pasta strike* na Itália.

Em muitos países asiáticos, inclusive na Índia, os preços dos alimentos chegam na casa de dois dígitos. É um incremento preocupante. A temeridade é que esse choque de preços contamine de maneira mais ampla as outras atividades e provoque desequilíbrio econômico e social. Grande massa populacional do continente asiático vive em situação de extrema pobreza.

Ainda que diante de um quadro bem mais ameno e sem grau de comparação, é interessante olhar a posição brasileira. Embora seja um dos grandes celeiros mundiais, os preços dos alimentos puxaram o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para cima: eles subiram 10,39%, o triplo da variação do grupo em 2009, de 3,18%. Somente a carne, que no ano aumentou 29,54%, contribuiu para o IPCA com 0,64 ponto percentual. O feijão carioca (mulatinho) registrou alta de mais de 60%. Outros produtos comuns na mesa dos brasileiros, como farinha de mandioca, leite, açúcar e frango, registraram altas de mais de 14%.

Com isso, o indicador oficial da inflação fechou 2010 em 5,91%, praticamente idêntico ao de 2008 (5,90%). Superior ao centro da meta do governo, de 4,5%, este é o maior percentual desde 2004. Mesmo assim, 2010 terminou como o sétimo ano seguido em que o IPCA fica dentro da meta, considerando o intervalo de tolerância de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

FAO: Evolução no índice de preços nas *commodities* agrícolas

Ano	Alimentos	Carne	Leite	Cereais	Óleos	Açúcar
2000	89,5	93,9	95,4	84,5	67,8	116,1
2001	92,3	107,1	107,1	86,2	67,6	92,3
2002	90,2	82,2	82,2	94,6	87,0	90,2
2003	98,3	95,1	95,1	98,1	100,8	98,3
2004	11,5	122,6	122,6	107,4	112,2	111,5
2005	114,7	135,4	135,4	103,4	103,6	114,7
2006	122,4	128,0	128,0	121,5	112,0	122,4
2007	154,1	212,4	212,4	166,8	169,1	154,1
2008	190,9	219,6	219,6	237,9	225,4	190,9
2009	151,5	141,6	141,6	173,7	150,0	151,5
2010	179,1	200,4	200,4	182,6	193,0	179,1